



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA - 2020

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM IFIGÊNIA EM ÁULIS DE EURÍPIDES

Ialle Batista Alvarez¹; Brian Gordon Lutalo Kibuuka²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura e Bacharelado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: iallebatista@hotmail.com;
2. Orientador, Professor de História Antiga e Medieval, DCHF, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: bglkibuuka@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Representações; Teatro Grego e Eurípides.

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa trata da influente produção cênica dramática, de grande valor histórico e filosófico, do tragediógrafo Eurípides. Nascido em Atenas, durante o século V, se dedicou em escrever tragédias que tratassem das questões político-cívicas sobre sua cidade natal, em um contexto de guerra, a Guerra do Peloponeso (451-404 a.C.).

Eurípides pôde ‘presenciar’ e ver de perto as consequências que esse conflito poderia trazer tanto para aqueles que morreram em batalha, quanto para os que ficaram na cidade e arcaram diretamente com ela. E é precisamente sobre essa questão que Eurípides quer tratar na maioria de suas peças, dessas pessoas que não foram à guerra, principalmente as mulheres, e sofreram muito mais do que se fossem de fato. A peça escolhida em questão é a tragédia, *Ifigênia em Áulis*¹, documento primário a partir do qual se pretende refletir a respeito da morte, e fazendo uma análise marcante sobre ela como sacrifício pessoal em favor da ordem da *pólis* e da sua viabilidade.

Quando Eurípides narra essa morte em torno do sacrifício, ele quer dizer algo sobre isso, e é justamente sobre essa representação simbólica da morte cênica, protagonizado por Ifigênia, que irá ser tratado dos aspectos rituais, como sacrifícios, as representações simbólicas presentes nesta morte, e a crítica social nela embutida, ou seja, a partir da tragédia, irá se investigar a respeito da morte ritual, o sacrifício, a civilidade e sobre as imagens e representações da morte.

¹ EURIPIDES. *Ifigênia em Áulide*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998; JOUAN, F. *Euripide. Iphigénie a Aulis*. Paris: LesBellesLettres, 1983;

Utilizar as tragédias de Eurípides para abordar a Guerra do Peloponeso permite o aumento das fontes sobre essa guerra. As fontes utilizadas geralmente são: a mais importante obra sobre essa guerra, a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides; as comédias de Aristófanes, e as *Helênicas* de Xenofonte.

A presente pesquisa, ao tentar de entender a Guerra do Peloponeso através do tragediógrafo Eurípides, exige a aplicação de um método que permita encontrar os temas em discussão na Atenas Clássica em dramas encenados no teatro. Utiliza-se aqui a análise das representações sociais, que permitem o reconhecimento das analogias possíveis entre as caracterizações cênico-dramáticas dos personagens de Eurípides, e práticas sociais em tempos de conflito bélico. Concluimos, por meio dessa análise, que Eurípides oferece uma outra vertente de interpretação do conflito em curso, não aquela tradicional, proveniente da perspectiva político-militar da minoritária aristocracia ateniense. Eurípides denuncia essa aristocracia em seu contexto sociocultural, indicando de forma simbólica, por meio de seus personagens, a sua demagogia. Ele também abordou as consequências funestas da guerra para todos os cidadãos.

Analisar a Guerra do Peloponeso, através da tragédia, "confere uma série de códigos simbólicos e significações" sobre a guerra. O "drama euripidiano, em particular, permite observar um conjunto de ideias que representam a mentalidade regular a respeito da guerra, e como é o impacto na sociedade e na cultura ateniense"². Eurípides entende que com o fim da guerra, ela não termina quando se tem um vencedor e um perdedor: ela irá continuar nos vários atos violentos e na vingança que ela estimula. Além do mais, Eurípides destaca, por meio de enredos ambientados no mito, e relacionados aos conflitos após a guerra, que o guerreiro não é o único afetado na guerra. Eurípides demonstra como a guerra penaliza duramente os seus vencedores. Mostra ainda que mulheres e crianças, esposas e filhos sentem de perto o impacto e as consequências que a guerra causa tanto nos seus lares, como na sociedade.

Através da peça *Ifigênia em Áulis*, a fonte primária, são percebidas e se revelam as práticas sociais, as concepções culturais, os valores da coletividade da sociedade grega em relação à guerra que circunda o cotidiano das pessoas que ficaram na cidade. E, fundamentalmente, a peça aborda o sentido e o valor da morte, que é transformado por causa da guerra. Logo, a morte de Ifigênia na peça é uma metáfora, encenada diante dos

² KIBUUKA, B. G. L. A Guerra e o Teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015, p. 20;

cidadãos, do sacrifício das famílias por causa da deliberação, em ambiente público, em favor do conflito em vez da deliberação pela diplomacia e moderação.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente):

Os materiais utilizados foram as edições críticas da peça *Ifigênia em Áulis*, editadas por Harvard, Oxford e Belles Lettres; a análise de artigos, dissertações, teses e de outras peças (tragédias); e textos filosóficos que citam diretamente o sacrifício presente na peça em questão: *Ifigênia em Áulis*.

A metodologia utilizada foi a análise histórico-cultural, especialmente de Michel de Certeau em “A invenção do cotidiano”; e de Jodelet, na obra “Teoria de imagens e representações sociais”.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados):

A peça escolhida para análise neste Plano de Trabalho foi a tragédia *Ifigênia em Áulis*³, texto cênico-dramático a partir do qual se pretende refletir a respeito da morte. O enredo da tragédia apresenta Ifigênia, a protagonista, e a necessidade informada a seu pai Agamêmnon pelo adivinho Calcas de que ela fosse sacrificada para que os ventos soprassem e os aqueus pudessem embarcar rumo a Troia. Eurípidés, ao encenar o enredo, não o fez apenas como uma simples *performance* teatral a partir de um mito.

O que Eurípidés coloca em cena traz consigo significados simbólicos. É justamente essa representação simbólica da morte cênica, protagonizada por Ifigênia, que permitirá uma análise do sentido da morte ritualizada sob a forma de sacrifício, e a crítica social embutida no tema. Ou seja, a partir dessa tragédia, o trabalho se propõe investigar a respeito da morte ritual, do sacrifício, da oposição público (políade)-privado (oikíade); e como esses temas são imagens e representações relacionados ao papel das mulheres na sociedade ateniense da segunda metade do séc. V a.C.

O enredo de *Ifigênia em Áulis* trata de um líder e pai, Agamêmnon, que se vê entre exercer o seu dever paterno, poupando a sua filha Ifigênia da morte, preservando assim o seu *oîkos*; e exercer o seu dever de *ánax andrôn* (em grego, “rei dos homens”), evitando, por meio do sacrifício de sua filha, o fracasso do seu exército em direção a Troia. Logo, a condição para Agamêmnon exercer o seu papel de líder dos aqueus é sacrificar um

³ EURÍPIDES. *Ifigênia em Áulide*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998; JOUAN, F. *Euripide. Iphigénie a Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

membro de sua família, conduzindo a sua própria filha ao sacrifício para que assim seu exército pudesse ter êxito em ir à guerra.

Ifigênia, jovem e virgem menina/mulher, atua como protagonista. Ela se vê diante de uma dualidade: ela precisa escolher entre continuar viva ou se sacrificar em nome dos gregos, para que estes alcancem a almejada vitória. Ifigênia, heroicamente, escolhe pela Hélade e pela honra de se sacrificar.

A peça em questão foi pensada para ser encenada nos festivais dramáticos que aconteciam em Atenas, entre o século VI e V a.C., em nome e homenagem ao deus Dionísio. Por isso, tais festejos eram conhecidas como Grandes Dionisiacas. O teatro grego trágico, encenado nesse período festivo, que permitia grande participação popular, tinha a intenção de “comover e promover o mínimo de reflexão no seu público, fazendo denúncias por meio de metáforas”⁴ que podiam chegar a toda população grega, já que esta sempre se fazia presente nos *théatra*.

A peculiaridade deste trabalho está justamente em promover uma análise das imagens e representações da morte feitas por Eurípides em um contexto de guerra entre Atenas, Esparta e cidades coligadas. Eurípides propõe, portanto, por meio de seus dramas, interpretações da Guerra do Peloponeso e dos seus efeitos por outra vertente, não aquela tradicional no sentido dos discursos políticos e militares, feitos por um grupo minoritário ateniense. Os discursos de Eurípides, socioculturais, denunciam a demagogia dos discursos bélicos e aborda as consequências funestas da guerra para todos os cidadãos.

Analisar a Guerra do Peloponeso através da tragédia confere uma série de códigos simbólicos e significações sobre os conflitos bélicos. O “drama euripidiano, em particular, permite observar um conjunto de ideias que representam a mentalidade regular a respeito da guerra, e como é o impacto na sociedade e na cultura ateniense”.⁵ Eurípides entende que mesmo com o fim das animosidades, um conflito não termina quando se estabelece um vencedor e um perdedor, mas ela irá continuar nos vários atos violentos e na vingança estimulada, nutrida. Ele reflete, ainda, que os combatentes não são os únicos afetados na guerra. Mulheres e crianças, esposas e filhos, sentem de perto o impacto e as consequências que uma gesta causa tanto nos seus *oïkoi* como na sociedade.

O plano de trabalho teve quatro objetivos e quatro hipóteses, às quais foram confirmadas no decorrer da pesquisa. Primeiro, constatou-se que há em Ifigênia em Áulis uma relação entre o contexto e as concepções que o dramaturgo tem do universo feminino

⁴ KIBUUKA, B. G. L. A Guerra e o Teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015, p. 13.

⁵ KIBUUKA, B. G. L. A Guerra e o Teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015, p. 20.

em suas tragédias.⁶ Em *Ifigênia em Áulis*, a força e grandeza da protagonista, que se sacrifica, é uma forma de representar as cidadãs que eram excluídas do universo político, como principais sacrificadas na guerra – guerra que elas nem tinham a chance de deliberar estabelecer ou encerrar.

Comprovou-se também, na análise da peça, que a peça que analisamos reforça os dois lados de uma guerra: de um lado, os comandantes que estariam motivado por interesses pessoais e que faziam o seu povo morrer como consequência; e, do outro, a morte de Ifigênia, que representa a morte dos inocentes. O motivo da morte de Ifigênia tem relação com um heroísmo desejado da audiência pelo tragediógrafo: o zelo pelo *oîkos* e pela *pólis*, concomitantemente.

Terceiro, demonstrou-se no mapeamento da cenografia da peça *Ifigênia em Áulis*, a morte de Ifigênia como um disfarce da morte, no sentido empregado por Certeau. A morte volta sob disfarces, e esses disfarces têm os seus significados implicados nela. A morte de Ifigênia, como ela foi representada na peça, tem um lugar sociocultural simbólico na realidade histórica da Grécia da segunda metade do século V a.C.⁷ Por isso, ela é uma evidência do cenário social em que a peça é encenada.

Por fim, provou-se, nos caminhos da tragédia para discutir a morte, que ela retrata a morte pelo caminho das razões do Estado *versus* as razões familiares. Eurípides se utiliza do enredo, portanto, para criticar quem manda as pessoas irem à guerra, e não os soldados que vão. Critica quem diz que a morte é necessária, mas elogia quem morre por causa dos efeitos das decisões dos que apenas propõem a guerra, mas não lutam. A morte por causa da oposição mundo privado *versus* mundo público pode ser entendida através dos lugares que os homens e as mulheres ocupam naquela sociedade. Andrade (2001) observa o discurso ateniense que separa os gêneros femininos e masculinos em duas funções básicas: a mulher tem a função de procriar; o homem tem a função de guerrear. Mas na guerra, a mulher, que é do interior do *oîkos*, passam pela morte social, algo análogo ao sacrifício feminino em um ambiente público, que na peça é representado pelo acampamento militar, em que as personagens femininas estão no lugar em que não deveriam estar na opressão feminina da Atenas clássica. Mas estão. Então, se estão, a bravura de Ifigênia diante da morte representa a coragem de todas as mulheres vítimas da guerra.

⁶ CARVALHO, Valeria Evencio. Uma releitura de *Ifigênia em Áulis* de Eurípides a partir do binômio casamento-morte. Curitiba: UFPE, 2018.

⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 293-299.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão):

Ficou demonstrado na pesquisa que os sentidos da morte na Atenas Clássica seguem esse mesmo princípio geral a partir das imagens e representações da morte na peça *Ifigênia em Áulis*. Na tragédia, as questões político-cívicas de Atenas em contexto de guerra, a Guerra do Peloponeso (451-404 a.C.), de manifestam na disposição para o sacrifício de *Ifigênia*, na disposição de sacrificar de *Agamêmnon*, e na oposição público (políade)-privado (oikíade) que perpassa a peça.

O fato de a tragédia *Ifigênia em Áulis* ser encenada no festival dramático em nome e homenagem ao deus *Dionísio*, frequentado por cidadãos tocados pela morte por causa da Guerra do Peloponeso, torna-a o instrumento importante para abordar como grupos desprestigiados de Atenas eram vítimas dos combates bélicos, mas também da demagogia dos discursos bélicos na assembleia da cidade.

Analisar a Guerra do Peloponeso, permitiu o reconhecimento de uma série de códigos simbólicos e significações sobre os conflitos bélicos. Cada uma das quatro partes do produto que constitui o resultado da pesquisa, o artigo “Imagens e representações da morte em *Ifigênia em Áulis* de Eurípides” é a resposta às hipóteses que foram levantadas antes da pesquisa ter início.

Primeiro, em “O que é Tragédia/Mito, quem foi Eurípides e sua peça *Ifigênia em Áulis*?”, comprova-se a hipótese de que Eurípides representou para Atenas a própria Atenas, em especial uma discussão sobre a morte.

Em “As mulheres na sociedade grega”, a hipótese de que a questão de gênero, especialmente a restrição social das mulheres na Atenas Clássica, foi abordada de forma crítica por meio das personagens femininas de Eurípides.

Em “Personagens e suas alterações”, foi possível mapear o contexto das imagens e representações da morte por meio das narrativas dos personagens. Os sentidos da morte no jogo cênico-dramático mostram a crítica euripídiana à Guerra do Peloponeso. A guerra não tinha motivação justa, o que tornava a morte nela, uma morte vã.

Em “Significado da morte de *Ifigênia*”, o último resultado foi atingido, cobrindo assim a totalidade dos objetivos da pesquisa. A partir do levantamento das razões que levaram *Ifigênia* a se sacrificar, os sentidos da sua morte diante da audiência mostram a superação da restrição feminina por meio da abordagem dos vários sacrifícios que as mulheres estavam submetidos por causa da guerra.

Como síntese dos argumentos apresentados neste plano de trabalho, conclui-se que, levando em consideração que a tragédia desempenhava nos cidadãos da Atenas Clássica o papel de produzir neles uma reflexão a respeito de seus dilemas, medos e vivências, as encenações em que contém a reparação e a decodificação dessas reflexões aconteciam muitas vezes em ambiente privado. Mais ainda: Eurípides aproveita o cenário de guerra que assola toda a Grécia e questiona a compreensão de morte e o lugar que a mulher ocupava neste período.

Eurípides, ao pôr em cena *Ifigênia em Áulis*, faz com que a plateia questione o motivo de guerrear em benefício da *pólis*. É a partir dessa encenação que o poeta provoca, colocando em evidência, ou sob uma nova perspectiva, o que se encontra escondido, ou aquilo que, de tão comum e presente, ninguém vê. Ele destaca as consequências que uma guerra traz às *pólis*. Ele quer que a plateia/povo questione isso sem que eles esqueçam quem manda os soldados a guerra e não quem vai.

A tragédia de Ifigênia nada mais é do que uma representação simbólica do que acontecia na Grécia no período de guerra. O principal questionamento de Eurípides nessa peça tem como tema central às mulheres. Não é à toa que a sua protagonista é uma mulher e a deusa. Em volta dessas duas mulheres, gravitam inúmeros personagens reais, representando todas as suas condições possíveis durante a guerra: a mãe que vê seu filho indo à guerra; as esposas que perderam o seu marido; as jovens que deixam de casar durante esse período e, conseqüentemente, são atingidas pela morte social.

Ao longo do trabalho vimos o enraizamento da condição da mulher na *pólis*, como se não fosse possível deslocá-la: ela nasceu nessa condição e estaria predisposta a morrer no mesmo local, em uma mesma “condição”. Em tempos de guerra, Eurípides aproveita para questionar a condição social das mulheres quando os homens vão a guerra se sacrificar pela *pólis*, deixando mães/esposas confinadas em seu lar, já que ambas não participam da vida pública. Não é só o homem que se sacrifica na *pólis*: as mulheres veem seus lares se destruírem e, conseqüentemente, são vítimas de morte social, já que a sua única mobilidade em vida é da casa do pai para a casa do marido. Sem eles, como fica a sua condição? Eurípides quer que a plateia reflita justamente sobre isso. Ele também reitera que não apenas os homens se sacrificam pela *pólis*, e questiona se as mulheres não deviam atuar na esfera pública, uma vez que elas sofrem danos públicos por causa das deliberações dos cidadãos masculinos.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Marta MEGA. A “Cidade das Mulheres”. Cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: LHIA, 2001. 174p;

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 3. ed. – Petrópolis: Editora Vozes, 1998;

JODELET, D. Représentations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Ed.) Les représentations sociales. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith AlvesMazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

JOUAN, F. Eurípide. Ifigénie a Aulis. Paris: LesBellesLettres, 1983;

KIBUUKA, B. G. L. A Guerra e o Teatro de Eurípides. Curitiba: Prismas, 2015;

KIBUUKA, Brian Gordon Lutalo. Eurípides e a guerra do Peloponeso: Representações da guerra nas tragédias Hécuba, Suplicantes e Troianas. Dissertação – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012;

LMEIDA, C.A. Pais de. Eurípides. Ifigênia em Áulide. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998;

MARQUARDT, Cristina Rosito. Capítulo 04:O locus das mulheres gregas e as personagens femininas de Eurípides; IN: Ifigênia em Áulis: A função religiosa, o papel das mulheres e a simbologia do sacrifício na tragédia euripideana. UFRS: Porto Alegre, 2007;

MOERBECK, Guilherme Gomes. A forma, o discurso e a política: As gerações da tragédia grega no século V a.C. 2007, 236p. Dissertação (Mestrado em História) - UFF, Rio de Janeiro, 2007;

VARGAS, Terezinha da Cunha; POLLO, Vera. “Ifigênia em Áulis”: a guerra, as núpcias e a morte. Trivium: Estudos Interdisciplinares: RJ, Ano IX, Ed. 2, p. 232-245.